

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE APRENDIZES DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA ADICIONAL

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues (UEMS)

kelrolsr@hotmail.com

João Fábio Sanches Silva (UEMS)

joaofabioss@yahoo.com.br

RESUMO

O interesse pelo estudo da construção identitária dos aprendizes de língua inglesa tem aumentado de maneira significativa. Com intuito de entender a relação entre a formação da identidade do aprendiz e a aprendizagem de segunda língua, Bonny Norton Peirce (2000) desenvolveu a noção de investimento, e sugere que sejam consideradas as noções de identidade e investimento para se entender como é adquirida a segunda língua pelo aprendiz. Levando em consideração que a língua não é a expressão única da individualidade, Chris Weedon (1997) apresenta o conceito de linguagem e subjetividade, pois a língua constrói a subjetividade do indivíduo através do ambiente social. Partindo dessas ideias, o objetivo desta pesquisa é entender como participantes de projetos de ensino da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, voltado à aprendizagem e uso da língua inglesa como língua adicional, têm construído sua identidade ao longo das suas experiências de aprendizagem e uso do idioma. Os dados foram gerados a partir de gravações de aulas, questionários e entrevistas. Através da análise dos investimentos adotados pelos aprendizes para desenvolver habilidades no uso da língua, pode observar de que forma tais investimentos contribuíram para a construção de sua identidade de aprendiz. Sendo o conhecimento da língua inglesa de grande importância para qualquer área profissional ou pessoal, as pessoas sentem cada vez mais a necessidade de adquirirem habilidades de comunicação e, principalmente, conhecimento da língua inglesa. Desta forma, por meio dos investimentos na língua estudada, os aprendizes têm acesso a um capital cultural maior, facilitando o alcance de seus objetivos, sendo aceitos em determinados grupos ou comunidades imaginadas, o que contribui para o aluno ter mais confiança e interesse na aprendizagem desta língua.

Palavras-chave: Identidade. Investimento. Aprendizagem

1. Introdução

Como professora de língua inglesa, tenho constante preocupação em mostrar aos alunos não só a importância de se aprender uma língua estrangeira, mas também o gosto por aprendê-la. A importância da aprendizagem da língua inglesa para o mundo é inegável. Como nos diz Wilson José Leffa (2009), "Não conhecer uma língua estrangeira no mundo atual é como desconhecer a escrita numa sociedade letrada[...]"

apenas mais uma garantia de ser excluído dos bens que a sociedade tenta preservar para o usufruto de seus eleitos". (LEFFA, 2009, p. 123)

Diante dessa preocupação, vejo a importância de o aluno construir sua identidade como estudante de língua inglesa, visto que o processo construtivo das identidades sociais pode acontecer em todos os contextos e em todas as relações sociais.

O interesse pelo estudo da construção identitária dos aprendizes de língua inglesa tem sido crescente na literatura nacional e internacional, com um aumento significativo de estudos que adotam a abordagem pós-estruturalista ao apresentar o conceito de identidade no contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. De acordo com a concepção pós-estruturalista, a identidade é uma área de conflito, onde a subjetividade é produzida por diversos espaços sociais, que são estruturados por relações de poder que podem levar um indivíduo a assumir diferentes posições subjetivas, muitas vezes contraditórias (PEIRCE, 2000). Bonny Norton Peirce (2011) sugere que, professores de línguas devem questionar o quanto os aprendizes de segunda língua estão verdadeiramente investidos em comunidades de prática da língua alvo e dessa forma, incentivar seus alunos a construir suas identidades de aprendizes de línguas.

Tendo isto em mente, minha proposta nesse artigo é instigar uma reflexão por parte das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizado de línguas com base nos conceitos de identidade, investimento, e comunidades imaginadas, propostos por Bonny Norton Peirce, para compreender como aprendizes de línguas estrangeiras têm construído suas identidades ao longo das suas experiências de aprendizagem e uso do idioma.

A realização de minha pesquisa se explica pela importância do entendimento da construção da identidade dos participantes como aprendizes de língua inglesa. Sendo o conhecimento da língua inglesa de grande importância para qualquer área profissional, as pessoas sentem cada vez mais a necessidade de adquirirem habilidades de comunicação e principalmente conhecimento da língua inglesa. Com o mundo globalizado, a língua inglesa se tornou um dos principais meios de comunicação entre os povos. Segundo Wilson José Leffa (2002), a língua inglesa ganhou gradativamente o *status* de “língua franca” ou “língua internacional” no mundo globalizado, não só por ser falada por um número maior de não nativos do que de nativos, mas também por ser o idioma preferencial-

mente utilizado no ambiente acadêmico e no mundo dos negócios.

2. *Desenvolvimento*

As atitudes assumidas pelos alunos diante da aprendizagem de uma língua estrangeira podem exercer uma importante influência em seu processo de aquisição da língua. Diante disso, podemos nos valer da concepção de identidade estabelecida por Bonny Norton Peirce (2000) para entender o processo de aquisição de uma língua. A autora usa o termo identidade “em referência a como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e no espaço e como essa pessoa entende as possibilidades para o futuro”. (PEIRCE, 2000, p. 05, tradução nossa)

As identidades assumidas permeiam todo o processo de ensino/aprendizagem e também estabelecem estreita relação com o meio social, sendo socialmente construídas, influenciando as ações e interações assumidas por esses aprendizes e sendo por elas influenciadas. (HALL, 2000; PEIRCE, 2000)

Na visão pós-estruturalista feminista de Chris Weedon (1997), podemos verificar de maneira muito clara como as ideias pós-estruturalistas são utilizadas para teorizar não só as questões de gênero e identidade, mas também apresentar a visão patriarcal das sociedades, nas questões de linguagem, subjetividade e poder. Pós-estruturalistas veem a língua como uma prática social e consideram que as identidades e as relações sociais são representadas pela interação da fala, e assim apresentam suas hipóteses sobre língua, subjetividade, conhecimento e verdade.

Ao interpretar o pós-estruturalismo como uma resposta filosófica ao pensamento científico do estruturalismo, as teorias estruturalistas da linguagem basearam-se, predominantemente, nos trabalhos de Ferdinand de Saussure. Por esse motivo, a noção de linguagem que os estruturalistas têm é que a linguagem tem um sentido fixo, de significado arbitrário, e as comunidades linguísticas são relativamente homogêneas, enquanto os pós-estruturalistas admitem que pode haver diferentes significados para diversas falas numa comunidade linguística. Daí surge a crítica em oposição a essa ideia de Ferdinand de Saussure, pois, pós-estruturalistas acreditam que as práticas significativas da sociedade são lugares de lutas e que as comunidades linguísticas são heterogêneas, possuem conflitos e reivindicam a verdade e o poder. Para Derrida, não há a possibilidade de

haver significantes e significados com sentidos fixos, ou seja, os significantes são localizados no contexto discursivo e seus significados podem variar de acordo com o contexto em que se inserem. (MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2013)

Bonny Norton Peirce se vale da concepção de identidade social ou subjetividade na visão pós-estruturalista feminista proposta por Chris Weedon (1997). Para Chris Weedon, o termo subjetividade se refere a “pensamentos e emoções conscientes e inconscientes de nós mesmos e as formas de compreender essa relação com o mundo” (WEEDON, 1997, p. 32). A autora ainda acrescenta que nossa subjetividade e o senso de nós mesmos é construído através da língua, pois a subjetividade é formada pelas práticas discursivas das relações econômicas, sociais e políticas, onde é encontrado um desafio constante para atingir poder, causando uma subjetividade precária. Sendo assim, é por meio de nossas identidades que nos apresentamos ao mundo e a nós mesmos, pois nossas identidades nos posicionam nos contextos sociais em que vivemos. No ambiente de aprendizagem de língua estrangeira não é diferente, visto que os aprendizes vão se posicionando como sujeitos em um processo de (re)construção de suas identidades de aprendizes de línguas. Para Chris Weedon, a língua não apenas define as práticas institucionais, mas serve para a construção de nossas identidades. Sendo assim, a subjetividade é definida como diversa, contraditória e dinâmica.

De acordo com essa ideia, os indivíduos são agentes de mudanças moldados pelas instituições a que pertencem, gerando assim, significado social às suas práticas. Nota-se a mudança do papel do sujeito no discurso, pois os falantes estão constantemente mudando sua posição de sujeito, de acordo com a representação de seu discurso na organização social a qual pertencem. Por esse motivo, o falante não é considerado uma completa vítima ou impotente, ou até mesmo poderoso e dominante o tempo todo, visto que há essa constante mudança de posição do sujeito no discurso.

De acordo com tradução nossa, há diferentes formas de pós-estruturalismo mas nem todas são produtivas para o feminismo, então ela baseia-se nas ideias de Michel Foucault, que trata da questão de gênero de forma variada no discurso, e assim apresentou uma forma específica que chamou de pós-estruturalista feminista. Na visão pós-estruturalista feminista adotada por Chris Weedon, ela defende que as relações sociais e o contexto das instituições são importantes e influenciam os indivíduos na formação do discurso para impor suas relações de poder nas institui-

ções sociais. O pós-estruturalista feminista sugere que, deve-se prestar atenção ao contexto das instituições sociais para direcionar o poder das relações no dia a dia.

A subjetividade trabalha para o estabelecimento hierárquico das relações de poder numa sociedade, quando a posição do sujeito individual é assumida num discurso específico identificado por seus interesses. (WEEDON, 1997)

Através da nossa subjetividade construímos um espaço de relacionamento pessoal, ou seja, nos relacionamos com outras pessoas na sociedade. Este relacionamento nos insere dentro de esferas de representação social, numa grande rede de relações, em que cada sujeito ocupa seu papel de agente dentro de campos específicos da sociedade. Estes sujeitos desempenham papéis diferentes de acordo com o ambiente e a situação em que se encontram, interpretando assim os diferentes papéis assumidos pelos agentes na composição da identidade do indivíduo. Os diferentes papéis assumidos pelos indivíduos num discurso pode por vezes gerar uma certa resistência, quando o indivíduo encontra-se em uma posição menos favorecida em relações desiguais de poder. (PEIRCE, 1995). Dessa forma, Bonny Norton Peirce (1995, p. 26) nos diz que as identidades sociais dos aprendizes são “complexas, múltiplas e sujeitas a mudanças”, e sugere que professores de segunda língua ajudem os alunos a reivindicarem o direito a falar fora da sala de aula, ou seja, em outros contextos sociais, criando possibilidades para interação social com falantes da língua alvo.

Em sua pesquisa desenvolvida com imigrantes como aprendizes de língua inglesa, Bonny Norton Peirce apresentou a noção de investimento como complemento ao conceito de motivação, uma vez que, os estudos entendiam a motivação com características fixas, sem levar em consideração as relações de poder entre os aprendizes de línguas e os falantes da língua alvo. Dessa forma, de acordo com Bonny Norton Peirce, o conceito de investimento complementou o conceito de motivação à medida que a noção de investimento explica de maneira mais adequada a complexa relação entre o aprendiz de línguas com sua história social contraditória e seus múltiplos desejos em relação à aprendizagem da língua alvo. Para Bonny Norton Peirce, “um investimento na língua alvo é um investimento em sua própria identidade de aprendiz, que está em constante mudança no tempo e no espaço”. (PEIRCE, 2000, p. 11)

Bonny Norton Peirce (2000, p. 5) utiliza o termo identidade para

se referir a como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e espaço, e como ela entende as possibilidades para o futuro. Por isso, a autora enfatiza a necessidade de se desenvolverem estudos que levem em consideração a concepção de identidade relacionada com estruturas sociais mais amplas, desiguais e injustas que são reproduzidas na interação social do cotidiano, no que se refere aos estudos de aquisição de segunda língua.

Sobre isso, Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade (2013) também nos diz que nossas identidades são precárias e produzidas discursivamente. E Woodward (2000) acrescenta que “somos recrutados” para assumir determinadas posições de sujeitos que não estão inerentes ao sujeito, que nos conduz a assumir determinados investimentos em nossa identidade.

Segundo Bonny Norton Peirce (2013), o conceito de investimento nos ajuda a entender o desejo do aprendiz em interagir em comunidades de prática. Ao assumirem uma atitude de comprometimento com a língua alvo, investindo nesse aprendizado, os aprendizes o fazem com a esperança de terem um bom retorno desse investimento, um retorno que vai lhes dar acessos a recursos até então inatingíveis. (PEIRCE, 2000, p. 10 – tradução nossa)

Em Bonny Norton Peirce (2013) vimos que “Uma extensão de interesse em identidade e investimento diz respeito a comunidades imaginadas que os aprendizes de línguas aspiram quando aprendem uma língua” (KANNO & PEIRCE, 2003; PEIRCE, 2001; PAVLENKO & PEIRCE, 2007, in PEIRCE 2013, p. 8 – tradução nossa)

É através do poder da imaginação que nos conectamos a comunidades imaginadas, que se referem a grupos de pessoas, não necessariamente acessíveis. Em nosso cotidiano interagimos com diferentes tipos de comunidades reais, mas Wenger (1993) nos apresenta que através da imaginação podemos nos conectar a outros tipos de comunidades. Benedict Anderson (1991) utilizou pela primeira vez o termo *comunidades imaginadas*, para dizer que podemos ter o sentimento de comunidades com pessoas que esperamos nos encontrar um dia. (PEIRCE, 2013)

Segundo Bonny Norton Peirce (2013), as comunidades imaginadas pelo aprendiz de línguas, podem influenciar suas atitudes, e afetar sua trajetória de aprendizado da língua alvo, uma vez que “essas comunidades imaginadas não são menos reais que as comunidades nas quais os aprendizes têm comprometimento diário... tendo grande impacto em suas ações e investimentos”. (PEIRCE, 2013, p. 8, tradução nossa)

Aneta Pavlenko (2007) nos diz que para entender os investimentos dos aprendizes, é necessário que se entenda suas múltiplas comunidades de prática, e também, quem pode e quem não pode se imaginar como legítimo falante em determinado contexto. Sendo assim, quando o aprendiz diz que seu objetivo é utilizar o inglês em viagens, por exemplo, ele se imagina capaz de desenvolver habilidades linguísticas naquele contexto.

Através dos dados analisados até o momento, foi possível verificar indícios de investimentos pelos participantes da pesquisa, e que ao investirem no aprendizado da língua inglesa, os participantes têm como principais objetivos: Conseguir melhores oportunidades de trabalho/ qualificação profissional, usar o inglês para viajar, conversar e ler em inglês, ser capaz de se comunicar com falantes da língua alvo.

A concepção de investimento apresentada por Bonny Norton Peirce expressa a “ligação social e histórica construída pelo aprendiz em relação à língua alvo e seu desejo ambivalente de aprendê-la e praticá-la”. (PEIRCE, 2000, p. 10 – tradução nossa)

Em conformidade com a teoria do investimento proposta por Bonny Norton Peirce, "se os aprendizes investem numa segunda língua, eles o fazem com o entendimento de que ao adquirirem uma grande quantidade de recursos simbólicos e materiais, vão em troca aumentar o valor de seu capital cultural". (PEIRCE, 2000, p. 10 – tradução nossa)

Dessa forma, foi possível observar nos dados coletados inicialmente, indícios de investimentos por parte dos participantes envolvidos na pesquisa que são: revisar as lições e tarefas, ouvir os áudios das lições, utilizar aplicativos para treinar a língua inglesa, assistir séries e filmes para ter mais contato com a língua alvo, assistir aulas de música em inglês na TV ou vídeos no “*You Tube*”, realizar Jogos ou exercícios *on-line* em sites educativos, além de participar em comunidades virtuais de prática da língua inglesa no “facebook”.

Os dados coletados sugerem que há indícios de investimentos por parte dos aprendizes no contexto da pesquisa, e ainda que seus investimentos estão, possivelmente, influenciando na formação identitária desses aprendizes de língua inglesa. Refletindo a respeito dos conceitos de investimento, identidades e comunidades imaginadas como princípios primordiais para o entendimento do processo de construção identitária de aprendizes de línguas estrangeiras, foi possível observar que alguns alunos passaram a adotar uma postura mais confiante em relação ao apren-

dizado da língua inglesa, de tal forma que, começaram a apresentar indícios de formação de sua identidade de aprendiz de língua inglesa, visto que adotam uma certa postura de liderança junto aos colegas de turma, demonstrando certa segurança à medida que participam de atividades em sala de aula, na organização de tarefas propostas. Sobre investimento em identidades, Kathryn Woodward (2014, p. 56) nos diz: “As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades”. E também, tradução nossa faz referência ao sujeito nas práticas sociais quando ela se refere ao discurso que constitui o sujeito nas relações sociais e nas relações de poder vividas entre as pessoas em seus grupos (WEEDON, 1997, p. 105). Além disso, ainda podemos acrescentar a autora Aneta Pavlenko, ao apresentar o entendimento da linguagem como um “lugar de organização social e do poder, e como forma de capital simbólico”. (PAVLENKO, 2004, p. 54)

3. Conclusão

Até o momento, a presente pesquisa tem levado a relevantes reflexões no que diz respeito ao ensino e aprendizado de língua inglesa como língua adicional e conseqüentemente, tem ajudado no entendimento do processo de construção identitária dos participantes aprendizes de língua inglesa, da referida pesquisa.

Ainda que os dados coletados até o momento sugiram que há indícios de investimentos por parte dos aprendizes no contexto da pesquisa, uma análise mais completa se faz necessária. Dessa forma, outros dados serão coletados através de questionários semiabertos e entrevistas semi-estruturadas para que as questões levantadas na presente pesquisa sejam respondidas com mais propriedade.

Levando-se em consideração os conceitos sobre investimentos, comunidades imaginadas e identidade, dos autores apresentados nesse artigo, assim como, a importância do aprendizado da língua inglesa para o mundo globalizado em que vivemos, é essencial reforçar a necessidade de que professores de línguas estrangeiras tenham consciência da importância das atitudes assumidas pelos alunos com relação à língua alvo, seus anseios de se apropriarem do conhecimento desta língua, e a influência da língua alvo para a realização de seus objetivos e desejos para o futuro. Dessa forma, devemos considerar os investimentos dos aprendizes de língua inglesa para alcançarem seus objetivos de vida. Além de entender seus investimentos na língua alvo, também é necessário que en-

tendamos suas múltiplas comunidades imaginadas e sejamos conscientes que nossos alunos são indivíduos com identidades múltiplas e conflituosas, que são construídas e reconstruídas em todas as relações sociais. Por fim, vale lembrar mais uma consideração de Bonny Norton Peirce (1995, p. 26), que nos diz para ajudarmos nossos alunos a “reivindicarem o direito a falar fora da sala de aula”, ou seja, em outros contextos sociais, criando possibilidades para interação social com falantes da língua alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Rogério Emiliano de. *Identidade, investimento e comunidade imaginada: o aprendiz pela estrada de tijolos amarelos*. 2013. Dissertação (de mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília.

LEFFA, Wilson José. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, Kleber Aparecido da; DANIEL, Fátima de Gênova Daniel da; KANEKO MARQUES, Sandra Mari; SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. (Orgs.). (Orgs.). *A formação de professores de línguas-novos olhares*, vol. 2. São Paulo: Pontes, 2012, p. 51-81.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (11th ed.). Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa. Pensando identidades em contextos de ensino aprendizagem de línguas: uma discussão teórica introdutória. In: FIGUEREDO, Carla Janaína; MASTRELLA-DE-ANDRADE, Mariana Rosa. *Ensino de línguas na contemporaneidade: práticas de construção de identidades*. Campinas: Pontes, 2013.

PEIRCE, Bonny Norton. Social identity, investment, and language learning. *TESOL Quarterly*, 29(1), 9-31, 1995.

_____. *Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change*. Harlow, England: Longman/Pearson Education. 2000

_____. *Identity and Language Learning: Extending the Conversation*. 2. ed., 1- 11, 2013.

_____; TOOHEY, Kelleen. Identity, language learning, and social change. *Language Teaching*, vol. 44, n. 4, p. 412-446, 2011.

PAVLENKO, Aneta; PEIRCE, Bonny Norton. Imagined communities, identity, and English language learning. In: CUMMINS, Jim; DA-

VISON, Chris. (Eds.). *International handbook of English language teaching*. New York: Springer, 2007, p. 589-598.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEEDON, Chris. *Feminist practice and poststructuralist theory*. Oxford: 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7- 72.